

**AS MULHERES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COLONIAL – UM ESTUDO DAS
PRODUÇÕES SOBRE O TEMA¹**

**THE WOMEN IN THE HISTORY OF COLONIAL EDUCATION- A STUDY OF THE
PRODUCTIONS ABOUT THE THEME**

**LAS MUJERES EN LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN COLONIAL – UN
ESTUDIO DE LAS PRODUCCIONES SOBRE EL TEMA**

Lorena de Lourdes Santos Almeida

lorsalmeida14@gmail.com

Graduada em História

Universidade Federal de São João del-Rei

Kelly Lislie Julio

kellylislie@ufsj.edu.br

Doutora em Educação

Universidade Federal de São João del-Rei

RESUMO

Este texto apresenta um levantamento dos trabalhos sobre a história da educação das mulheres no período colonial, publicados entre 2012 e 2022. Foram eleitos aqueles presentes em anais dos seguintes encontros científicos: Congresso Brasileiro de História da Educação; Congresso Luso-brasileiro de História da Educação; Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-americana; Encontro Nacional de História; o Encontro Internacional de História Colonial; e o Colóquio Cultura e Educação na América Portuguesa. Além deles, as produções disponibilizadas: no banco de dados da “Scientific Electronic Library Online” (SciELO); no “Portal de Periódicos CAPES”; no banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e dissertações da CAPES, da área de Educação e História. A proposta foi mapear quantitativamente esses trabalhos e evidenciar alguns avanços e desafios para as pesquisas sobre esse tema. Posteriormente, foi realizada uma breve análise das produções identificadas, em particular, sobre: as fontes e metodologias utilizadas, resultados e conclusões, conceitos e referencial teórico. Como será evidenciado, a quantidade de pesquisas sobre o tema no período escolhido é pequena. Tal realidade está relacionada com o acesso e perspectivas sobre fontes; a necessidade de pensar outros processos

¹ A pesquisa contou com o financiamento da FAPEMIG. Programa de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG – UFSJ.

educativos, além da escola; e o lugar e a atuação das mulheres nessa educação.

Palavras-chave: Brasil colônia. Educação feminina. História da educação.

ABSTRACT

This text shows a raise the works about the history of women educations in a colonial period, published between 2012 and 2022. Were elected those one presentes in annals of: Brazilian Congress of History of Education; Portuguese-brazilian Congress of history of education; Iberoamerican Congress of History of Education Latin-american; National Meeting of History; the International Meeting of Colonial History; and the Culture and Education Colloquy in Portuguese America. Beyond from them, the productions available: in database of the "Scientific Electronic Library Online" (SciELO); in the "Periodical Portal CAPES", in bank thesis and dissertations of Brazilian Digital Library of Thesis and Dissertations (BDTD) and catalog of Thesis and dissertations the CAPES, of Education and History area. The propose was to map quantitatively theses works and to evidence some advances and challenges by the researches about these theme. Afterwards, was realized a brief analyse of Productions identifies, in particular, about: the sources and methodologies utilized, results and conclusions, concepts and theoretical reference. As will evidenced, the amount of researches about the theme in the choice period is small. Such reality is relationated with the access and perspectives about founts, the necessitie of think others educations process, besides of school; and the place and atuation of women in that education.

Keywords: Brazil cologne. female education. history of education.

RESUMEN

Este texto presenta un levantamiento de los trabajos sobre la historia de la educación de las mujeres en el período colonial, publicados entre 2012 y 2022. Se eligieron aquellos presentes en los anales de: el Congreso Brasileño de Historia de la Educación; el Congreso Luso-brasileño de Historia de la Educación; el Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana; el Encuentro Nacional de Historia; el Encuentro Internacional de Historia Colonial; y el Coloquio Cultura y Educación en América Portuguesa. Además de estos, las producciones disponibles en la base de datos de la "Scientific Electronic Library Online" (SciELO); en el "Portal de Periódicos CAPES"; en la base de tesis y disertaciones de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD) y en el Catálogo de Tesis y Disertaciones

de CAPES, en el área de Educación e Historia. La propuesta fue mapear cuantitativamente estos trabajos y evidenciar algunos avances y desafíos para las investigaciones sobre este tema. Posteriormente, se realizó un breve análisis de las producciones identificadas, en particular, sobre: las fuentes y metodologías utilizadas, los resultados y conclusiones, los conceptos y el marco teórico. Como se evidenciará, la cantidad de investigaciones sobre el tema en el período elegido es pequeña. Esta realidad está relacionada con el acceso y las perspectivas sobre las fuentes; la necesidad de pensar otros procesos educativos además de la escuela; y el lugar y la actuación de las mujeres en esa educación.

Palabras Clave: Brasil colônia. educación feminina. historia de la educación.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como proposta apresentar os resultados alcançados a partir das atividades realizadas durante a investigação intitulada “Pesquisas em História da Educação no período colonial – um estudo das produções sobre o tema”. Desenvolvida entre os anos de 2021 e 2022, a citada pesquisa foi parte de um trabalho maior intitulado “Educar para o bom convívio: as mulheres e as propostas educativas (Comarca do Rio das Mortes - 1750-1822)” que tem buscado investigar os papéis femininos nos processos educativos em solo mineiro².

A pesquisa aqui apresentada – por sua vez – teve como objetivo principal realizar um levantamento de publicações que investigaram a história da educação das mulheres no período colonial. Foram considerados os trabalhos publicados entre 2012 e 2022 em revistas, teses, dissertações e anais de eventos ligados à área. Numa segunda etapa, após identificados esses estudos, buscou-se discutir alguns

² Esse projeto de pesquisa maior é pela professora Dra. Kelly Lislie Julio e tem sido realizado a partir de documentos variados, ligados, sobretudo, à vida privada das pessoas, como testamentos e inventários, a fim de identificar a atuação feminina. O projeto focaliza a capitania de Minas Gerais, durante o século XVIII e primeiras décadas do século XIX e é realizado no âmbito do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de São João del-Rei.

elementos desses trabalhos, tais como: as fontes e metodologias utilizadas, os principais conceitos e referenciais teóricos, além dos resultados e conclusões. Nessa etapa, a intenção era evidenciar como tem sido realizado o trabalho para descortinar essa temática e tempo histórico tão necessários dentro da História da Educação.

Como já tem sido apontado por outros estudos (Catani; Faria Filho, 2001; Fonseca, 2009; 2014; Veiga; Pintassilgo, 2000), as pesquisas dedicadas a perscrutar a educação durante o período colonial são bastantes escassas. Duas vertentes relativamente consolidadas para esse período são os estudos dedicados a pensar a atuação dos jesuítas e as reformas empreendidas por Marquês de Pombal na segunda metade do século XVIII, como a introdução das aulas régias, por exemplo. Todavia, outros aspectos do universo do fenômeno educativo ainda precisam ser explorados, dentre os quais, como nosso levantamento demonstrou, o lugar das mulheres nesse processo e período.

É importante destacar que as mulheres tiveram papel fundamental na educação durante o período colonial; entretanto, a presença e a atuação feminina se deram – muitas vezes – de outras formas e em espaços diferentes dos “tradicionais”, como, por exemplo, aqueles constituídos para a apropriação da leitura e escrita. Quando elas atuavam no processo de aprendizagem, isso se dava no ambiente doméstico ou em espaços religiosos, como conventos e recolhimentos, direcionados majoritariamente aos grupos mais privilegiados da sociedade.

Apesar disso, importante reforçar, elas estiveram presentes. Mas, de que maneira isso se dava? Para responder a essa questão, cabe refletirmos primeiramente sobre a noção do termo “educação”. No período, tal vocábulo estava relacionado com a perspectiva de formação para o bom convívio, de preparação do súdito cristão, capaz de obedecer às leis do Estado e da Igreja. Isso significava dizer que, como apontado por Julio (2017, p. 48), o ato de educar

envolvia os diferentes processos da formação dos sujeitos, incluindo desde os primeiros cuidados com sustento, saúde e advertências para com os menores até o aprendizado de conhecimentos mais específicos, ligados a alguma atividade ou assunto. Nesses termos, para o entendimento daquelas pessoas, a ação de educar poderia ser percebida como um meio de ordenar as pessoas, mas também garantir a sobrevivência e o sustento futuro.

A educação se dava de maneira mais difusa e compreendia diferentes ações para a formação, sobrevivência e constituição das pessoas nos mais variados aspectos do viver. Esse entendimento implicava, por sua vez, a atuação de outros sujeitos, em outros espaços.

É esse contexto que devemos considerar as mulheres assumindo papéis importantes na educação. Todavia, para verificar essa atuação feminina é necessária a introdução de outros tipos de fontes, tendo em vista os lugares em que elas agiam. Inventários, testamentos, contas de tutela, quer dizer, documentos de foro íntimo, por exemplo, se revelam como potencialmente úteis. Somados a outros tipos de fontes mais “tradicionais” nos estudos sobre a História da Educação, tais como: livros; lista de matrículas e dados de professores, elas ajudam a compreender outros aspectos do processo educativo, incluindo o lugar das mulheres.

Entretanto, em que medida as pesquisas na área de História de Educação têm se interessado a pensar nesse lugar das mulheres? Há uma tentativa de descortinar tanto o modo como as mulheres eram educadas quanto a maneira com que participavam do processo educativo? E como têm sido realizada tais pesquisas? Entendemos que compreender o como e o quanto a História e/ou a Educação têm abordado a temática é fundamental, pois é uma forma de apreciar o estado da arte dela. Mais do que isso, é uma oportunidade de evidenciar possíveis lacunas a serem investigadas dentro do processo de valorização do lugar da mulher ao longo da história ou repensar determinadas concepções a respeito delas e suas ações.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa. Foram consideradas referências bibliográficas já publicadas numa tentativa de explorar e analisar alguns aspectos, como serão apontados abaixo, relacionados às mulheres na história da educação durante o período colonial. Podemos dizer que o presente texto partiu de uma metodologia que se classifica como de cunho bibliográfico (Gil, 2009).

Essa metodologia, apesar de considerar as obras já existentes, não é uma “repetição do que já foi produzido ou escrito sobre certo assunto”, como apontado por Lakatos e Marconi (2003, p. 183). Ela é uma oportunidade, conforme os mesmos autores, de examinar um tema a partir de um prisma ou enfoque diferente, numa tentativa de evidenciar outras perspectivas.

A base da nossa pesquisa foi os trabalhos resultantes de alguns eventos e publicações da área. Foram escolhidos: o Congresso Brasileiro de História da Educação; o Congresso Luso-brasileiro de História da Educação; o Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-americana; o Encontro Nacional de História; o Encontro Internacional de História Colonial; o Colóquio Cultura e Educação na América Portuguesa; o banco de dados da “Scientific Electronic Library Online” (SciELO); o “Portal de Periódicos CAPES”; o banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e dissertações da CAPES, da área de Educação e História.

Todos esses eventos e sites são espaços consolidados e que trazem diversas pesquisas ligadas à História da Educação. Em outros termos, a eleição tomou como base o fato de que, nesses espaços, os pesquisadores divulgam seus estudos, tornando-se assim um lugar importante de diálogo para diferentes temas abordados pela área. Para a pesquisa, delimitamos um período de dez anos (2012-2022).

Os balizamentos cronológicos (inicial e final) se justificam pela ausência de trabalhos semelhantes para o período posterior à 2012. Como já evidenciado, há

alguns estudos que se dedicaram a mapear as produções em História da Educação no período colonial, mas focalizaram datas anteriores à proposta aqui. Esta é a realidade especialmente sobre as mulheres. Já o ano de 2022 foi o período de fechamento do projeto construído para a investigação que resultou neste texto.

Uma vez definidos esses aspectos, nosso objetivo foi identificar e analisar os seguintes elementos nas publicações: as principais fontes utilizadas, a metodologia empregada para a investigação, os principais referenciais teóricos e os conceitos utilizados. Também resultados e conclusões.

No próximo tópico apresentaremos as diferentes etapas percorridas concomitante aos resultados alcançados em cada fase. De antemão, destacamos que a consulta às publicações resultantes dos eventos e demais produções da área revelou que as pesquisas referentes ao período colonial sobre a educação e as mulheres ainda são muito escassas. Foi nosso interesse – inclusive – apontar possíveis hipóteses a respeito desse aspecto; diferentemente, esse trabalho revelou também a potencialidade dos estudos para o tema no período em questão, sendo um campo aberto e necessário tanto para a História quanto para a Educação.

AS MULHERES NAS PRODUÇÕES

Como ressaltado anteriormente, para a investigação proposta, elegemos alguns sites de artigos, teses, dissertações e eventos ligados, sobretudo, à área de História da Educação. Nesses espaços, a pesquisa focalizou as produções dos últimos dez anos (2012-2022). Como tentativa de dar unidade para a investigação nesses diferentes espaços, estabelecemos alguns descritores, que foram utilizados isolados ou conjuntamente: “educação Brasil colônia”; “mulheres na educação no Brasil colônia”; “mulheres e instituições coloniais”; “instituições coloniais brasileiras”; “infância no Brasil Colônia” e “família colonial brasileira”; além disso, seguimos os filtros de recorte temporal e idioma português. A proposta era identificar, no título, alguma referência às mulheres e/ou educação no período colonial.

Nesse primeiro levantamento, foram encontradas 52 produções acadêmicas. Esse número, por si só, reforçou um aspecto brevemente apontado: o número diminuto de estudos em História da Educação focalizando o período colonial e as mulheres. Tal aspecto está alinhado às considerações de Fonseca (2009, p.112). Conforme a autora, considerando congressos importantes da área, “a proporção de trabalhos sobre o período colonial em relação ao total de inscritos e/ou apresentados varia de 1,63% a 1,97%, uma parcela mínima, portanto”. Veiga; Pintassilgo (2000); Vidal; Faria Filho (2003); Xavier (2001) também apresentaram considerações que seguem a mesma realidade.

Do mesmo modo, Denice Catani e Luciano Mendes de Faria Filho (2005), considerando as produções em História da Educação, divulgadas nas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), evidenciaram que os trabalhos referentes aos séculos XVI e XVIII e ao século XIX ocupavam uma parcela muito pequena nas apresentações. Conforme os autores, citados por Julio (2018), num total de 156 trabalhos, apenas 3,2% e 16,6%, respectivamente, correspondiam a esses períodos. A situação se agravava quando o conjunto dessa produção foi analisado de outra maneira. De acordo com os dois autores, os trabalhos dedicados a pensar o período anterior a 1850 perfazia um total de 13 trabalhos apenas dentre as 156 apresentações, o que correspondia a 8,3% do total. Nosso resultado – a identificação de apenas 52 produções – foi mais um reforço nessa lacuna apontada por outros pesquisadores.

A tabela abaixo é um compilado das produções identificadas:

Tabela 1.0 – Número total de produções acadêmicas com base na temática educação colonial - 2022

| Temática Principal | Total de produções |
|---|--------------------|
| História da Educação/ Educação Colonial | 16 |

| | |
|----------------------------------|----|
| Educação Feminina | 13 |
| Educação Jesuítica/ Franciscanos | 12 |
| Educação Indígena | 3 |
| Educação familiar | 8 |
| Total | 52 |

Fonte: Das autoras (2022)

Como é possível perceber, os dados mostraram que os estudos que traziam a educação feminina, exclusivamente, foram treze trabalhos – 25%. Além disso, entre as obras identificadas, dezesseis (30,77%) trataram da História da Educação/Educação colonial sem focalizar um sujeito específico. Finalmente, foi possível perceber que alguns estudos versavam sobre outras questões; em algumas partes, tangenciaram a temática aqui focalizada. Citamos, por exemplo, a educação indígena – 5,77% do total identificado –, a menor representatividade nas obras eleitas.

A segunda etapa consistiu em realizar um novo recorte dentre as produções encontradas na primeira fase da pesquisa. A intenção aqui era identificar, efetivamente, os trabalhos sobre a História da Educação feminina ou sobre as ações das mulheres no processo educativo no período colonial. Para isso, foi realizada a leitura dos resumos das produções acadêmicas anteriormente identificadas.

A leitura possibilitou restringir ainda mais a seleção, quando foram eleitas as produções que tratavam mais detidamente da temática proposta na investigação. Além disso, permitiu manter os trabalhos que num primeiro momento pareciam estar mais atrelados à outras temáticas, como, por exemplo, a história das famílias.

De um total de 52 publicações, foram eleitos 14 trabalhos, conforme indicado abaixo. Foram essas produções que foram analisadas na terceira etapa do estudo.

Tabela 2.0 – Educação, mulheres e período colonial – obras eleitas – 2022

| Autor | Título | Tipo | Ano |
|---|--|--------|------|
| TOMÉ, Dyeinne Cristina; QUADROS, Raquel dos Santos; MACHADO, Maria Cristina Gomes | A educação feminina durante o Brasil Colonial. | Artigo | 2012 |
| PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa | As diferenças de gênero nos cuidados e na educação de meninos e meninas no Brasil no período colonial | Artigo | 2017 |
| SCARANO, Nelian Karolina Belico Marques | Os ofícios manuais e a educação feminina nas Minas colonial: percepções pelos inventários da Vila Real de Sabará (1750-1800) | Artigo | 2019 |
| BARBOSA, Faber Clayton; SCARANO, Nelian Karolina Belico Marques | Educação e sobrevivência: estratégias de donas e plebeias para prover o seu sustento e a manutenção da família nas vilas de Sabará e Pitangui (1750-1850). | Artigo | 2019 |
| ANGELO, Fabrício Vinhas Manini | Herdeiros: o papel da família na educação das futuras gerações nos termos de Sabará e de Ouro Preto (1721 – 1780). | Tese | 2017 |
| VARTULLI, Sílvia Maria Amâncio Rachi | Por mãos alheias: usos sociais da escrita na Minas Gerais colonial. | Tese | 2014 |
| FONSECA, Thais Nívia de Lima | Educação na América Portuguesa: sujeitos, dinâmicas, sociabilidades. | Artigo | 2014 |
| FRAZÃO, Fernanda Costa; MORAIS, Chistianni Cardoso | Silenciamento: a historiografia sobre a educação feminina na colônia. | Artigo | 2012 |
| DIEZ, Carmem Lúcia Fornari. | Discursos sobre fragilidade feminina: a educação da mulher no Brasil Colônia. | Artigo | 2013 |
| FONSECA, T. N. de L.; ANGELO, F. V. M.; OLIVEIRA, H. C. de | Fontes processuais e educação não escolar na | Artigo | 2022 |

| | | | |
|---|--|-------------|------|
| | América portuguesa: Minas Gerais no século XVIII. | | |
| OLIVEIRA, Olga Maria Boshi Aguiar de | A caminhada histórica das mulheres no Brasil Colonial: desigualdades e discriminações | Artigo | 2019 |
| VARGAS, Juliana Ribeiro de | Mais educadas do que instruídas: recortes sobre a escolarização feminina. | Artigo | 2019 |
| SANTOS, Shirley Rombra dos | A educação sexual no Brasil Colônia prescrita nos regimentos do Santo Ofício da Inquisição Portuguesa (1552-1774). | Dissertação | 2014 |
| SILVA, Gleidson. AMORIM, Simone Silveira. | Apontamentos sobre a educação no Brasil Colonial (1549-1759). | Artigo | 2017 |

Fonte: Das autoras (2022)

Nesta última etapa, nossa pesquisa foi norteada por algumas questões. Tínhamos interesse em evidenciar nos trabalhos selecionados aspectos como: as principais fontes empregadas para o estudo acerca da educação das mulheres e/ou com participação delas; os tipos de educação recebidos/determinados para elas; os tipos de educação que elas determinavam para os menores; o grupo socioeconômico e étnico que pertenciam as mulheres estudadas; os locais onde ocorriam as práticas educativas para as mulheres ou por elas delegadas.

A partir dessas questões norteadoras, buscamos a maneira e em que medida ocorreram avanços quali-quantitativos dos estudos referentes à temática e ao período aqui eleitos e sobre eles refletir. Nossa intenção era verificar se os apontamentos feitos por outros pesquisadores e apresentados anteriormente a respeito da situação da pesquisa no período colonial havia mudado; no que se refere à educação das mulheres, compreender o quadro existente.

Essas informações – por sua vez – foram coletadas e colocadas em um banco de dados³. A proposta de construção do banco foi produzir um espaço de consulta futura por outros investigadores, pois os diferentes aspectos identificados poderão servir como um mapeamento das abordagens sobre o tema e das fontes e metodologias utilizadas.

Abaixo temos um recorte do banco de dados. Como é possível perceber, optamos por colocar no banco alguns dados mais gerais, inclusive o resumo produzido pelo(s) próprios(os) autor(es), e também algumas considerações feitas durante a leitura das obras. Essas considerações foram norteadas pelas questões indicadas acima.

Quadro 1: Exemplo dos dados do Banco de Dados

Título: “As diferenças de gênero nos cuidados e na educação de meninos e meninas no Brasil no período colonial”

Autora: PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa

Tipo de trabalho: Artigo

Disponível em: Revista *Cocar*

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1286>.

Ano de publicação: 2017

Resumo presente no artigo: “Este artigo apresenta algumas reflexões sobre as questões de gênero presentes nas práticas culturais de cuidados e educação de crianças no Brasil no Período Colonial. Ao considerarmos que a história da infância e a experiência da criança são também atravessadas pela sua condição social e por seu pertencimento de gênero, recorreremos a esta categoria com o intuito de destacar algumas práticas de educação e cuidados na infância que foram construídas no Brasil colônia com base nas diferenças sexuais, bem como apontar alguns papéis e funções atribuídos às meninas e aos meninos, no período referendado, que tiveram como base tais diferenças.

³ Banco de Dados disponível no arquivo que abarca a pesquisa maior. Ele comporá um conjunto de documentos do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-históricas em Educação – NEPSHE – e poderá ser consultado pelos membros e, posteriormente, por outros interessados.

As análises empreendidas partem da consideração da criança como um sujeito imerso na dinâmica dos acontecimentos sociais, em que a estrutura econômica e social incide diretamente nas formas de as crianças vivenciarem a infância.”
Palavras-chave: Gênero, Criança, Educação.

Fontes utilizadas na pesquisa: Revisão de literatura.

Tipo de educação recebida/determinada para as mulheres:

Educação indígena: nos primeiros anos, era de responsabilidade tanto da mãe quanto do pai. Até 7/8 anos de idade, a educação das crianças era baseada na transmissão dos valores que envolviam a coragem, temor pelos pajés, enfrentamento da morte e tradições religiosas. A aprendizagem de músicas, danças e jogos também fazia parte da educação infantil indígena. “Dos 7/8 anos de idade até os 15 anos de idade, as diferenças sexuais orientavam os papéis e funções para meninos e meninas: os meninos aprendiam a adestrar com arcos e flechas em miniaturas; as meninas eram ensinadas a fiação do algodão e a confecção de pequenos utensílios de barro” (Pacheco, 2017, p.09); “crianças filhas de escravos não tinham direito aos cuidados da mãe e nem mesmo tinham direito à amamentação, em função de as mulheres negras terem que cuidar dos filhos dos fazendeiros, exercendo a função de amas-de-leite. As crianças brancas ficavam sob os cuidados das amas-de-leite até por volta dos 06 anos de idade” (Pacheco, 2018, p.10);

“Às mulheres ficaram reservadas as atividades domésticas, como os cuidados de filhos, marido e casa” (Pacheco, 2018, p.14). “Família e Igreja eram as vigilantes de suas ações. Somente era permitido o direito à aprendizagem das letras para as que eram destinadas aos conventos. Estes, sob o poder da Igreja Católica, tinham mais finalidades econômicas e políticas do que educacionais” (Pacheco, 2018, p. 16).

As mulheres de condição econômica mais abastada tinham oportunidade de frequentar conventos no exterior, como em Portugal.

Mulheres brancas pobres, negras e indígenas não possuíam acesso à educação formal, somente à educação domiciliar.

Grupo socioeconômico e étnico ao qual pertenciam as mulheres: “meninos e meninas negras, filhas e filhos de colonos e meninos e meninas indígenas, receberam educação e cuidados diferenciados em função de seu pertencimento social, racial e de gênero” ((Pacheco, 2018, p. 10).

Local onde ocorriam as práticas educativas: Conventos em poucos casos; educação domiciliar para cuidados da casa, família e marido.

Fonte: Das autoras (2022)

O trabalho indicado no exemplo acima é o artigo de Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco, publicado em 2017. Intitulado “As diferenças de gênero nos cuidados e na educação de meninos e meninas no Brasil no período colonial”. Nele a autora buscou abordar, como destacado pela própria autora, as questões ligadas à categoria gênero que – consequentemente – atravessava a educação, resultando em práticas e experiências diferenciadas para os meninos e meninas.

No que se refere aos nossos interesses de pesquisa, o artigo foi bastante profícuo. Utilizando-se de uma revisão de literatura, a autora se propôs a discutir, no artigo, o lugar e papel das mulheres na educação dos filhos e filhas em diferentes contextos, tais como: a realidade indígena para as pessoas escravizadas e o ideal de educação pensado para as mulheres que, em decorrência do pertencimento étnico-racial e das condições sociais e econômicas, acabavam sendo alvo de práticas educativas diferenciadas.

A partir desse exemplo, percebemos que o detalhamento possibilitou verificar dados importantes, ligados efetivamente com o objeto aqui em tela, o que, como já apontado, pode contribuir com outros investigadores interessados no tema. Esse tipo de atividade, além de mapear perspectivas de diferentes autores, é ponto fundamental para compreender o “estado da arte” de temas que carecem de pesquisas, como é o caso das mulheres e da educação no período colonial.

Após a organização dos dados e construção do banco, com o levantamento das informações, partimos para a análise das obras, considerando as questões norteadoras da pesquisa. De antemão, cabe destacarmos que entendemos que as informações coletadas das publicações são respostas provisórias para a nossa intenção e que, conforme outras produções forem mapeadas e analisadas, outras perspectivas podem surgir. Todavia, a análise das produções pode ajudar a entender o quadro geral evidenciado por esses estudos eleitos.

Uma primeira questão buscada nas obras foi referente às fontes. Sob o horizonte das fontes históricas utilizadas pelos(as) autores(as), cabe esclarecer que –

das quatorze produções encontradas – oito utilizaram como base de suas pesquisas as produções acadêmicas anteriores. As outras seis publicações se fundamentaram em fontes manuscritas e impressas para suas produções acadêmicas. Tais pesquisas buscaram especialmente problematizar qual o grupo étnico, socioeconômico e os bens materiais que detinham as famílias das mulheres.

Referente às seis produções: uma trabalhou com manuais pedagógicos portugueses e inventários (Scarano,2019); uma com os documentos de professores régios direcionados aos governadores e bispos locais e à Junta da Diretoria Geral dos Estudos e ao Conselho Ultramarino (Fonseca,2014); uma pesquisou inventários e testamentos (Barbosa e Scarano, 2019); uma investigou testamentos (Vartulli, 2014) e, por fim, uma investigou testamentos, inventários, documentos oficiais e fontes secundárias: investigação a partir de obra historiográfica (Fonseca; Angelo; Oliveira, 2022).

Como apontado por alguns estudos, tais como Fonseca (2009; 2014); (Veiga e Pintassilgo, 2000) e Julio (2018), um dos pontos para justificar o número pequeno de estudos sobre a História da Educação no período colonial é a fonte. Comumente, as pesquisas na área têm utilizado as chamadas fontes “oficiais”, como programa de ensino e registros de professores, etc. Tal fato, como apontado por Fonseca (2014), está relacionado à facilidade de acesso, pois a maioria do resultado das pesquisas feitas é impressa e mais organizada, em decorrência de exigências ligadas ao gerenciamento do processo educativo escolar. Além delas, jornais, fotografias, manuais didáticos e a fonte oral estão no rol de recursos importantes para perscrutar os diferentes aspectos da educação.

Entretanto, para o período colonial, sobretudo porque se faz necessário ampliar inclusive o conceito de educação, como já apontado, o qual não pode ser visto exclusivamente como educação escolar. Muitos dos recursos apontados – jornais, fotografias, por exemplo – ainda não estavam disponíveis, outros vestígios históricos devem ser aproveitados. É nesse contexto que fontes pouco comuns para a História

da Educação se fazem necessárias, como os testamentos, inventários, contas de tutela, registros paroquiais, relatórios médicos, relatos de viajantes, dentre outros.

Alguns dos trabalhos mapeados durante a pesquisa mostraram esse exercício e como o uso dessas “outras fontes” acabou sendo fundamental, dependendo da temática, como é o caso das mulheres e o seu lugar no processo educativo durante o período colonial. Isso porque – no caso delas – as práticas educativas, muitas vezes, se davam no ambiente doméstico, especialmente aquelas direcionadas à formação das meninas. Para tanto, eram utilizados recursos que dificilmente seriam referendados nos documentos de natureza “oficial”.

No que diz respeito aos tipos de educação recebidos/determinados, é notório reforçar que a educação feminina na América portuguesa Brasil colônia se diferenciava da concepção de educação contemporânea. Para o período em questão, a proposta era preparar uma mulher que pudesse realizar as tarefas domésticas, tidas como aquelas “próprias do seu sexo”, tais como: fiar, coser e cozinhar. Em outros termos, as mulheres deveriam aprender e exercer os cuidados do lar e da família.

Nesse contexto, um dos focos principais da formação feminina era a educação moral – civil e religiosa – seguindo os fundamentos da Igreja Católica, principalmente, com intuito de as mulheres serem moralmente religiosas, boas esposas e mães. Algumas tinham acesso ainda à leitura e escrita, de modo elementar, e ao bordado, sendo, especialmente, aquelas pertencentes às famílias mais abastadas. Esse tipo de concepção foi abordado em quatro produções acadêmicas: Barbosa e Scarano (2019); Fonseca (2014); Fonseca; Angelo; Oliveira (2022); Oliveira (2019).

Houve ainda oito pesquisas que – além de abordarem a educação que ocorria em ambiente doméstico – ressaltaram também aquelas desenvolvidas em conventos e recolhimentos. Nesses espaços, além dos ensinamentos indicados acima, era possível o aprendizado do latim e da música. O alvo desses tipos de ensinamentos era muito restrito, sendo mulheres da elite. São elas: Tomé (2012); Pacheco (2017);

Scarano (2019); Vartulli (2014); Diez (2013); Vargas (2019); Santos (2014) e Silva (2017).

A respeito da educação recebida, é válido trazer alguns elementos mais detidamente. Tatiana Pacheco (2017), abordando as diferenças de gênero no processo educativo, destacou que – no caso das meninas – elas deveriam aprender os afazeres domésticos e os preceitos religiosos baseados na Igreja Católica. Para as meninas das famílias com certa condição, era possível ainda o ensino da leitura e escrita, e as filhas das famílias ricas tinham a oportunidade de depois frequentar conventos (Pacheco, 2017).

No caso dos meninos, além da preocupação em introduzir os dogmas religiosos, os conceitos de moralidade e civilidade; para alguns, ainda havia a oportunidade de aprender a ler, escrever e contar. Em casos mais específicos, como nas famílias mais abastadas, eles eram direcionados para o governo dos negócios da família (Silva; Amorim, 2017) ou para acessarem os estudos mais avançados.

Referente ao papel de educadora, ou seja, quando elas direcionavam algum tipo de educação para outras pessoas, algumas pesquisas buscaram evidenciar a mulher e sua parcela de contribuição na primeira educação das crianças. Esses estudos revelaram – reafirmaram – elementos de um processo que progressivamente se fazia presente nos discursos e concepções propagadas sobretudo pela Igreja, Estado e alguns pensadores do período: de que o grupo feminino seria responsável pela primeira educação dos menores.

Conforme o entendimento do período, ser mãe, e principalmente as funções decorrentes dessa função, era um papel natural esperado de todas as mulheres, mesmo daquelas que não tinham filhos. Nesse contexto, assumir o preparo dos menores, inclusive do sexo masculino, para o exercício e convivência na sociedade se apresentava como obrigação fundamental. Isso porque se acreditava que era delas que a primeira infância tinha as principais referências, como bem destacou António Ferreira (2000, p. 279).

Essa perspectiva está presente nos discursos e nas ideias de diferentes pensadores e instituições. Dentre eles, destacamos, por exemplo, o português António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783). Em seu livro *Cartas para a educação da mocidade*, publicado pela primeira vez em 1760, ao propor uma educação diferenciada para cada grupo social, deixou claro seu entendimento de que o processo educativo era fruto do exemplo, que se dava especialmente no seio familiar.

Sobre as mulheres, Sanches (1922, p.192) destacou que “... as mães, e o sexo feminino são os primeiros mestres do nosso; todas as primeiras ideias que temos, provêm da criação que temos das mães, amas e aias...”. Diante desse entendimento, Sanches, assim como outros pensadores do período, defendeu a educação feminina, numa tentativa de prepará-las para assumir os papéis delegados a elas: esposas, donas de casa e mães educadoras, como já apontado anteriormente.

A função de educadora, cabe destacarmos, englobava sobretudo os primeiros cuidados, o que significava a alimentação, a aprendizagem das primeiras palavras e, especialmente, os ensinamentos de natureza moral – civil e religiosa. Isso porque a família era vista como uma instituição fundamental na propagação e consolidação de uma moralidade e ordenamento; nesse contexto, as mulheres eram a principal referência. Dos trabalhos analisados, de maneira especial, foi Tomé (2012) quem destacou o papel feminino na propagação dos preceitos religiosos.

Quanto aos papéis femininos, é certo que entre o ideal e a prática havia muitas variáveis como – por exemplo – a presença de escravizadas. Mesmo assim, respeitando as especificidades de cada condição e função dentro da organização social, às mulheres eram delegadas as funções do educar, que incluía, dentre outros aspectos, o cuidado, a sobrevivência e a criação.

Em relação ao grupo socioeconômico predominante das mulheres com acesso à educação, de maneira geral, as pesquisas apontaram que mulheres brancas abastadas – filhas de senhores de engenho, capitães-mores, e outras pessoas com certa influência – eram aquelas que possuíam maior oportunidade de acesso ao

mundo da escrita. As pertencentes a essa classe também podiam ser enviadas para a educação conventual e mais raramente encaminhadas para instituições religiosas fora da América portuguesa, como em Portugal.

Às mulheres pretas, brancas pobres e indígenas – comumente – não era dado acesso à leitura e escrita, sendo raros os casos que isso acontecia, como apontou a pesquisa de Barbosa e Scarano (2019). Para essas mulheres, o processo educativo se dava geralmente no ambiente domiciliar e era voltado para a aprendizagem dos afazeres domésticos; quando muito, aprendiam algumas funções específicas, como costura e bordado, que era convertido em trabalho remunerado para ajudar no sustento de suas famílias (Pacheco, 2017).

Ademais, foi possível perceber também que muitas das pesquisas analisadas tiveram como recorte geográfico Minas Gerais colonial. Das quatorze produções, seis se referem às vilas mineiras. A Vila de Sabará, por exemplo, foi estudada em três pesquisas: Scarano (2019), Barbosa e Scarano (2019), e Angelo (2017). A Vila de Pitangui em uma: Barbosa e Scarano (2019), e o termo de Ouro Preto em uma: Angelo (2017).

Uma das possíveis explicações para isso é a existência do grupo de pesquisa Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos – CEIbero, com sede na Universidade Federal de Minas Gerais⁴. O citado grupo tem se dedicado a pensar instituições e práticas culturais e educativas no período colonial. Apesar de não ter como foco a capitania de Minas Gerais, é certo que seus membros comumente têm se voltado para essa localidade. Nas demais regiões, não conseguimos identificar um grupo que tem se interessado a pensar a educação nesse período.

A respeito desse ponto, cabe ressaltar – mais uma vez – a demanda notória de estudos sobre a temática em questão. Como apontamos anteriormente, a quantidade de produções dedicadas a pensar o período colonial ainda é bastante tímida; sobre o

⁴ Para mais informações sobre o grupo, consultar: <https://ceibero.wordpress.com/>

tema aqui em específico, tal aspecto ficou muito evidente. Tal ponto vai ao encontro com a observação feita por Frazão e Morais, no ano de 2012, quando as autoras destacaram o pequeno número de produções acadêmicas que abarcavam a temática.

Passados mais de dez anos, vemos que essa ainda é uma realidade, questão que se agrava quando fazemos os recortes regionais. Os dados deixaram evidente a potencialidade de discussões para outras regiões, já que é um caminho a ser percorrido. Somente assim haverá a possibilidade de pensar a mulher, as imagens idealizadas para elas e suas ações, numa tentativa de evidenciar os elementos comuns e as especificidades características de cada localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados nessa investigação, foi possível perceber que ainda existe uma lacuna nas pesquisas interessadas em pensar a História da Educação no período colonial, especialmente quando comparadas às investigações sobre o período imperial e republicano. Tal fato se agrava quando nos atentamos às mulheres. Essa lacuna também está presente em termos geográficos, pois nossa pesquisa mostrou que muitos dos estudos publicados estão concentrados em Minas Gerais.

Somado a esse ponto, cabe retomar a questão do acesso e os tipos de fontes necessárias para pensar o período colonial. Como apontamos, para o período em questão, a noção de educação deve ser pensada numa perspectiva mais alargada. Assim, há a demanda de inclusão de outros tipos de fontes que estão, geralmente, espalhadas por diferentes acervos, não necessariamente organizadas em termos arquivísticos, e são sobretudo manuscritas. Apenas cinco daquelas produções analisadas utilizaram fontes manuscritas; as demais ou foram revisões de literatura, ou se basearam em obras impressas, como os manuais.

Sobre a análise das obras, mais detidamente, percebemos que elas reforçaram aspectos que inclusive já foram mencionados por outros estudos. Dentre eles, cabe lembrar aqui o fato de que o grupo feminino que tinha acesso à educação, sobretudo uma educação mais especializada, era aquele constituído por mulheres pertencentes aos grupos mais privilegiados.

Outro ponto é que havia um consenso partilhado pelo Estado, Igreja e outras autoridades do período de que – independentemente do tipo de educação recebida – elas deveriam ser preparadas para assumirem suas funções naturais de boas esposas, mães e donas de casa.

Tal preparação era importante, pois cabia essencialmente à mulher o papel de primeira educadora dos filhos, sendo a que teria o primeiro contato com a criança. Era dessa mulher a responsabilidade de inserir a criança na sociedade; ensinar a falar, andar e se portar; principalmente, os direcionamentos da fé católica.

Diante dessa proposta de preparar a mulher para assumir essas funções, o levantamento mostrou que, nas investigações, esse processo se dava especialmente no convívio com outras mulheres, sendo comum as próprias mães. Nessa perspectiva, os estudos mostraram que era no ambiente doméstico que a educação feminina geralmente acontecia, sendo poucos os casos em que as mulheres tinham acesso aos diferentes direcionamentos educativos fora desse espaço.

A partir desse levantamento, foi possível perceber primeiramente que é consenso entre as pesquisas aqui analisadas de que as mulheres tiveram lugar fundamental na organização e funcionamento da sociedade. Os estudos mostraram parte de um processo que vai se consolidar, sobretudo no século XIX, quando as mulheres foram progressivamente assumindo/relendo certos papéis; na outra ponta, quando elas passaram a ser alvos das ações, valores e concepções propagadas pelas autoridades civis e religiosas e pensadores.

Além disso, esse levantamento evidenciou a necessidade de mais estudos sobre o tema em específico e sobre a História da Educação no Período Colonial como

um todo. Isso porque apenas com mais pessoas interessadas na temática será possível conhecer as práticas pedagógicas envolvendo mulheres; mais do que isso, o estabelecimento de aproximações e distanciamentos dos diferentes tempos históricos vivenciados no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Fabrício Vinhas Manini. **Herdeiros**: o papel da família na educação das futuras gerações nos termos de Sabará e de Ouro Preto (1720 – 1770). 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

BAPTISTA, Jean Tiago. WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. BOITA, Tony Willian. Mulheres indígenas nas missões: patrimônio silenciado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356150>. Acesso em: 02 abr. 2024.

BARBOSA, Faber Clayton. SCARANO, Nelian Karolina Belico Marques. Educação e sobrevivência: estratégias de donas e plebeias para prover o seu sustento e a manutenção da família nas vilas de Sabará e Pitangui (1750-1850). *In*: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, X, 2019, Diamantina. **Anais** [...]. Diamantina: UFVJM, 2019. Disponível em: <https://xcopeheufvjm.files.wordpress.com/2019/05/caderno-de-resumos-x-copehe-ufvjm.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2024.

BRAGA JÚNIOR, Walter de Carvalho. BRAGA, Anna Paula Oliveira Sales Ferreira. Adestrar os corpos, civilizar os sentidos: a honra como dispositivo de controle da sexualidade no Brasil (Colônia e Império). **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 5, n. 3 esp., p. 207-218, jul. 2016. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/574>. Acesso em: 02 abr. 2024.

CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: história e historiografia da educação brasileira nos anos de 1980 e 1990 - a produção divulgada no GT História da Educação. *In*: GONDRA, José

Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 85-110.

DIEZ, Carmem Lúcia Fornari. Discursos sobre fragilidade feminina: a educação da mulher no Brasil Colônia. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 19, n. 2, p. 314-324, abr. 2013. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/3124>. Acesso em: 02 abr. 2024

FERREIRA, António Gomes. **Gerar Criar Educar: A criança no Portugal do Antigo Regime**. Coimbra: Editora Quarteto, 2000.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Educação na América Portuguesa: sujeitos, dinâmicas, sociabilidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 60, n. 1, p. 15-38, out. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v60i1.38277>. Acesso em: 02 abr. 2024.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Historiografia da educação na América Portuguesa: balanço e perspectivas. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa – PT, v. 14, n. 14, p. 111-124, 2009. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1111>. Acesso em: 02 abr. 2024

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **Letras, ofícios e bons costumes**. Civilidade e sociabilidade na América portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e; ANGELO, F. V. M; OLIVEIRA, H. C. de. Fontes processuais e educação não escolar na América portuguesa: Minas Gerais no século XVIII. **Revista brasileira de história da educação**, Maringá, v. 22, e. 194, p. 2-19, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576170157004>. Acesso em: 02 abr. 2024.

FRAZÃO, Fernanda Costa; MORAIS, Chistianni Cardoso. Silenciamento: a historiografia sobre a educação feminina na colônia. **E-Hum**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 78 – 96, out. 2012. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/876>. Acesso em: 02 abr. 2024.

Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Sandro Aramis Richter. CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski. Origens sociais e arranjos matrimoniais de uma família de imigrantes portugueses: a

genealogia dos Vieira dos Santos (c. 1750-1820). **Esboços, histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 549-572, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2019.e61493>. Acesso em: 02 abr. 2024.

JULIO, Kelly Lislie. **“Os têm tratado e educado”** – as mulheres e suas ações para a manutenção da família e a educação de menores no termo de Vila Rica, MG (1770–1822). 2017. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2017.

JULIO, Kelly Lislie. A História da Educação e o uso dos testamentos e autos de justificativa de tutela como fontes de pesquisa (1770 – 1820). **International Studies on Law and Education**, São Paulo, n. 28, jan./abr. p. 121-136, 2018. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/121-136Kelly.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2024

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

MACHADO, Alleid Ribeiro. Mulheres da expansão portuguesa: histórias de (in)submissão. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1129-1140, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1129>. Acesso em: 02 abr. 2024.

MIRANDA, Ana Caroline Carvalho. O perfil socioeconômico das mulheres forras da vila de Pitangui (1750-1820). **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 8, n.2, p. 223-243, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/198461502114>. Acesso em: 02 abr. 2024.

MIRANDA, Ana Caroline Carvalho. **Sociabilidade e relações econômicas de mulheres forras na Vila de Pitangui** (1750-1820). 2017, Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

OLIVEIRA, Olga Maria Boshi Aguiar de. A caminhada histórica das mulheres no Brasil Colonial: desigualdades e discriminações. **Polyphônia. Revista De Educação Inclusiva**, São Tiago do Chile, v. 3, n. 3, p. 154-172, 2019. Disponível em: <https://revista.celei.cl/index.php/PREI/article/view/314>. Acesso em: 02 abr. 2024.

PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. As diferenças de gênero nos cuidados e na educação de meninos e meninas no Brasil no período colonial. **Revista Cocar**, Belém,

v. 11, n. 21, p. 142-162, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1286>. Acesso em 02 abr. 2024

PINTO, Carlos Eduardo Pinto de. Declínio das propriedades da família Souza Coutinho na capitania das Minas Gerais. **Rev. Tempos Históricos**, Marechal Campos Rondon - PR, v. 16, p. 163-194, 2012. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/8102>. Acesso em: 02 abr. 2024

ROSA, Mariana Silveira dos Santos. Educação das mulheres na história do Brasil: a contribuição de Heleieth Saffioti. **Germinal: Marxismo e educação em Debate**, Salvador, v. 12, n 1, p. 63-75, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36332>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SANTOS, Shirley Rombra dos. **A educação sexual no Brasil Colônia prescrita nos regimentos do Santo Ofício da Inquisição Portuguesa (1552-1774)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

SANCHES, Antonio. N. Ribeiro. **Cartas sobre a educação da mocidade (1754)**. Prefácio de Dr. Maximiano Lemos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. Disponível em: <http://purl.pt/148>. Acesso em 09 de março de 2024.

SCARANO, Nelian Karolina Belico Marques. Os ofícios manuais e a educação feminina nas Minas colonial: percepções pelos inventários da Vila Real de Sabará (1750-1800). *In*: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, X, 2020, Diamantina. **Anais [...]**. Diamantina, UFVJM, 2020. Disponível em: <https://xcopeheufvjm.files.wordpress.com/2019/05/caderno-de-resumos-x-copehe-ufvjm.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SILVA, Gleidson. AMORIM, Simone Silveira. Apontamentos sobre a educação no Brasil Colonial (1549-1759). **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 4, p. 185-196, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/tGGWx3Dp58Sx3FmY8trzGyR/#>. Acesso em: 02 abr. 2024

TOMÉ, Dyeinne Cristina. QUADROS, Raquel dos Santos. MACHADO, Maria Cristina Gomes. A educação feminina durante o Brasil Colonial. SEMANA DA PEDAGOGIA DA UEM, 2012, Maringá. **Anais [...]**. 2020, Maringá: UEM, 2012. Disponível em:

<http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/T4/T4-002.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2024.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. Mais educadas do que instruídas: recortes sobre a escolarização feminina. **Diversidade e Educação**, Rio Grande – RS, v. 6, n 2, p. 18–25, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v6i2.8676>. Acesso em: 02 abr. 2024.

VARTULLI, Sílvia Maria Amâncio Rachi. **Por mãos alheias**: usos sociais da escrita na Minas Gerais colonial. Belo Horizonte: PUC Minas, 2014.

VEIGA, Cynthia G.; PINTASSILGO, Joaquim. Pesquisas em história da educação no Brasil e em Portugal: caminhos da polifonia. **III Congresso luso-brasileiro história da educação, escolas, culturas e identidades**. Coimbra, 2000, p. 01-18. <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4037>. Acesso em: 30 abr. 2024.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual. In: **Revista Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 27-45, set. 2002/fev./2003. <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/artigo-Luciano-Mendes.doc>. Acesso em: 15 mar. 2024.

XAVIER, Libânea Nacif. Particularidades de um campo disciplinar em consolidação: balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação (RJ/2000). In: Sociedade Brasileira de História da Educação (Org.). **Educação no Brasil**. Campinas: SBHE & Autores Associados, 2001.